

## CINEGRAFISTAS: AS LENTES DO TELESPECTADOR

*Rubens Ferreira Costa<sup>1</sup>*

*Maria Zita Almeida Batista dos Santos<sup>2</sup>*

### Resumo

Ao longo da história da televisão, pouco se fala a respeito do trabalho dos cinegrafistas e sua importância no ambiente jornalístico. O presente artigo tem por objetivo apresentar o cotidiano dos cinegrafistas, sua relação com jornalistas e as dificuldades por não ser esta uma profissão reconhecida. A metodologia adotada deu-se através de entrevistas, pesquisa bibliográfica e descritiva. As entrevistas foram realizadas com dois cinegrafistas, um da TV Paraíba, afiliada da Rede Globo, e um da TV Itararé, afiliada da TV Cultura, em Campina Grande/PB, com tempos de profissão distintos, para possibilitar a análise de diferentes percepções. Em nossas considerações, sugerimos que uma das soluções mais rápidas para sanar déficit e dificuldades no/do mercado seria inserir uma disciplina nessa linha nos cursos superiores de Jornalismo.

**Palavras-chave:** *Cinegrafista; Televisão; Imagem; Telejornalismo.*

### INTRODUÇÃO

A relevância que a imagem tem para a sociedade é inquestionável, a influência e o poder relacionam uma variação de interpretações e sentidos. A internet e a TV têm uma importância muito grande no processo produtivo da notícia.

A TV ainda é um dos veículos de comunicação de massa mais importantes no mundo, sendo incontestável o poder e o impacto de algo noticiado na televisão e como ela influencia as pessoas. Pesquisas e análises já provaram a influência do conteúdo

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail. rubensfcosta22@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Literatura e Interculturalidade, professora do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail. mariazita.albasan@gmail.com

jornalístico para televisão; segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, o meio de comunicação mais utilizado na Paraíba é a TV, com 68% do público no estado, portanto, é válido salientar o poder da influência social que o telejornalismo tem na sociedade.

Imagens de guerra, de crimes, de catástrofes, de corrupção, imagens que nos encantam e comovem, ou que trazem sofrimento e causam revolta, que elevam a alma e as que causam dor: todas elas costumam ser mostradas sem que tenhamos conhecimento de quem é o profissional que as captou.

Quando uma matéria está pronta e é exibida na TV, quase nunca nos questionamos quem é a pessoa responsável pelas imagens e o que foi necessário fazer para se ter um material de qualidade. O cinegrafista é um profissional muito importante na construção das informações, pois, na maioria das vezes, não seria possível produzir sem ele uma matéria completa com imagens, textos e sonoras.

A prática de captação de imagens do cinegrafista é de extrema importância para o jornalismo, pois é ele que faz a diferença mostrando assim os acontecimentos distantes, através do seu olhar, tendo que lidar com chuva, sol, vento, dentre outros fatores, mas sempre empenhado em produzir uma imagem de boa qualidade. A visão destes profissionais é fundamental para o desenvolvimento da reportagem. Se o repórter e cinegrafista não estiverem afinados, fica complicado produzir uma boa reportagem. O olhar do câmera deve completar a fala do repórter.

Este trabalho busca suprir essa lacuna e tem como objeto de pesquisa incentivar outros pesquisadores e interessados no tema a se dedicarem aos estudos sobre uma das profissões mais relevantes e menos conhecidas do jornalismo brasileiro. Apesar de parecer quase invisível, é importante mostrar que o cinegrafista é o ponto inicial referente à captação de imagens, na execução do produto jornalístico e pelo conteúdo audiovisual do segmento da notícia e maior veículo de comunicação da atualidade, que é a TV.

Como objetivo geral, busca-se evidenciar o olhar e a importância dos cinegrafistas da cidade de Campina Grande para o meio jornalístico. Entre os objetivos específicos, estão mostrar brevemente a diferença do cinegrafista, repórter cinematográfico e operador de câmera; analisar se o cinegrafista se sente valorizado como um profissional na cidade; e, ainda, se existe uma desvalorização da profissão por uma possível falta de possibilidades de atualização acadêmica em Campina Grande, bem como se os cursos superiores em jornalismo poderiam colaborar para uma maior valorização da profissão de cinegrafista na cidade.

Para realizar essa pesquisa, foram selecionadas como *corpus* as entrevistas realizadas com profissionais de duas emissoras de telejornalismo de Campina Grande-PB: André Luis de Lima Gomes (TV Paraíba, afiliada Rede Globo) e Marcel dos Santos Padua Henriques (TV Itararé, afiliada TV Cultura); além de artigos publicados na Internet e bases teóricas afins. Os personagens foram escolhidos por pertencerem a emissoras distintas e terem tempo de trabalho também distintos. André Luis é da TV Paraíba, uma emissora de TV Comercial, onde trabalha como cinegrafista há 19 anos. Já Marcel Henriques é da TV Cultura, uma TV Pública, e trabalha na emissora há seis anos.

Para melhor compreensão, dividimos essa pesquisa em três partes. Na primeira, apresentamos um breve percurso histórico do telejornalismo e avanços tecnológicos da época. Também mostramos como se dá a regulamentação da profissão do cinegrafista e os aspectos que envolvem a profissão.

Na segunda parte, trazemos o referencial teórico que norteou a pesquisa. Nele há teóricos como Pignatari (1984), Rezende (2000) e Santaella (2005), que falam sobre televisão, telejornalismo, linguagem, pensamento e sonora visual. Tratamos ainda na segunda parte das linguagens utilizadas no jornalismo, bem como do papel do cinegrafista para o jornalismo e do trabalho em equipe; ainda nessa parte, falamos sobre a importância da imagem para o telejornalismo.

Por fim, na terceira parte, apresentamos os conceitos tecidos pelos próprios profissionais durante nossa entrevista, onde são mencionados os pontos de vista dos cinegrafistas sobre as dificuldades que encontram no mercado de trabalho, a necessidade de haver um curso específico para a formação da categoria ou a inserção de uma disciplina no curso de jornalismo, o que certamente iria contribuir para o conhecimento de técnicas específicas da profissão.

Vale salientar que não é nosso interesse tecer críticas ao telejornalismo. Buscamos, com esta pesquisa, chamar a atenção para a importância da imagem e seu poder de transmitir o que realmente acontece, distinguir a profissão, mostrar algumas das principais dificuldades com que os cinegrafistas se deparam na área e, por fim, mostrar o olhar de quem captura a imagem para TV.

## A TELEVISÃO COMO CAMPO DE PESQUISA

A humanidade viveu cada época com suas próprias características, identificadas pela sua filosofia, relacionamentos sociais, políticos, educacionais e culturais, sendo

resultado da evolução da ciência e da tecnologia. Assim também acontece com a comunicação. O ser humano, ao longo dos tempos e de acordo com a sua evolução, utilizou as mais diversas formas narrativas para interagir com outros seres humanos e com o mundo.

A imagem é objeto de reflexões filosóficas desde a Antiguidade. Achar uma definição que abranja todos os seus significados é uma tarefa bem difícil. “Chamo de imagem em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou na superfície de corpos opacos, polidos, e brilhantes e todas as representações do gênero”. (JOLY, 1996, p. 13)

Quando abrimos os olhos, notamos que estamos rodeados de imagens que o mundo oferece ou impõe. Movendo um pouco o rosto, dá para perceber diversos objetos e formas diferentes. Ao andar para frente ou para trás, teremos perspectivas diferentes de um mesmo ponto. Se fecharmos os olhos, as imagens que ilustram sonhos povoam a mente.

Durante a Revolução Industrial, muito se ganhou com os inventos tecnológicos, um deles, a câmera cinematográfica, ou cinetógrafo, como era chamada na época, foi desenvolvida no ano de 1890, pelo norte americano Thomas Edison e seu assistente William Kennedy Laurie Dickson. A partir da construção dessa máquina, as imagens passaram a ganhar movimento.

No Brasil, a história da cinematografia começou basicamente com a chegada do cinema ao país, em 8 de julho de 1896, no Rio de Janeiro, alguns meses depois da exibição feita pelos irmãos Lumière, na França. Com a chegada do cinema, surgem também os primeiros operadores de câmera, que eram profissionais autodidatas, e tudo que viam pela frente era objeto de registro. Em 1916, surge o primeiro cinejornal, uma junção da indústria cinematográfica e o jornalismo.

Em virtude da Segunda Guerra Mundial, no dia 18 de setembro de 1950, ocorreu no Brasil a primeira transmissão de imagens pela TV Tupi-Difusora. O Brasil foi o primeiro país na América Latina, e o sexto no mundo, a ter uma emissora de televisão, atrás apenas de Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda.

Com a vinda do VT (Videoteipe) nos anos 1960, a televisão desenvolveu características próprias, distanciando-se um pouco mais do rádio. Para a época, foi um avanço tecnológico muito grande, pois era possível gravar áudio, vídeo, tudo em uma única fita. O VT tinha seu ponto negativo também, pois, como era pesado e grande, era difícil a

locomoção do equipamento para criação de imagens externas. Em 1970, com o avanço das tecnologias, o VT diminuiu de tamanho, tornando assim possível a produção externa.

Todos esses testes que foram feitos no passado trouxeram inúmeros benefícios para os cinegrafistas da atualidade, pois, em pleno século XXI, em pleno ano de 2018, se consegue captar imagens de alta qualidade de ambiente, personagens e objetos, com variação de ângulos, tornando o momento da edição bem mais detalhado e variado do que antigamente. Sobre a profissão, veremos a seguir.

## 2.1. Imagens e telejornais

No início, muitos se perguntavam: como poderia uma caixinha gerar imagens? A televisão foi um invento que mudou a história e o cotidiano da população. Na década de 1950, ninguém imaginava como a televisão influenciaria e seria algo tão presente na vida das pessoas.

Na televisão, uma coisa chamada imagem tem absoluta primazia. Sem imagem, a televisão não passa de um rádio disfarçado. Repórteres de veículos impressos precisam, para trabalhar na tevê, ter consciência de que imagem é informação (BITTENCOURT, 2002, p. 117).

Em 1950, surge uma virada na história da comunicação com a chegada da televisão ao Brasil. Nesse contexto, a história do jornalismo brasileiro se confunde com a da TV, que começou suas transmissões em 18 de setembro de 1950. Naquela época, o dinamismo do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand, dá um novo símbolo para o país com a inauguração da PRF-3/TV Tupi, Canal 3 de São Paulo, canal que transmitia para pouco mais de 100 televisores na cidade de São Paulo.

No dia seguinte ao da inauguração, 19 de setembro de 1950, a TV Tupi transmite o primeiro telejornal do Brasil, *Imagens do Dia*<sup>3</sup>, das 21h30 às 22h, que mostrava imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos do dia, com comando de Maurício Loureiro Gama.

O *Imagens do Dia* tinha uma equipe composta pelo redator e apresentador Ruy Resende e os cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zimibas. Todas as noites, se produzia um noticiário que constava de uma sequência de filmes dos últimos

---

<sup>3</sup> Mais em: <<http://www.rankbrasil.com.br>>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

acontecimentos locais. “O desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo foi a primeira reportagem filmada exibida” (REZENDE, 2000, p. 105).

Com a precariedade dos aparelhos utilizados e a inexistência do videoteipe, as notícias eram gravadas em “externas”, com uma pequena câmera, pelos cinegrafistas Alfonso Zimbas e Paulo Salomão. As cenas capturadas eram encaminhadas para Jorge Kurkjian, que revelava os filmes no laboratório de cinematografia da emissora. Quando o telejornal ia para o ar, o apresentador lia e comentava a notícia.

No início, a semelhança da TV com o rádio era tanta que, no seu *Manual de Telejornalismo*, o jornalista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro Luis Carlos Bittencourt afirma;

Nos anos 50, o telejornal no Brasil era uma espécie de rádio com imagem, ainda não considerada um elemento constitutivo da informação televisiva. Só muito tempo depois os editores começaram a se preocupar em casar imagem e texto. (...) se o jornal era para ser ouvido, o sotaque era radiofônico. Os apresentadores do Repórter Esso eram Kalil Filho (São Paulo) e Gontijo Teodoro (Rio), dois conhecidos locutores do rádio (BITTENCOURT, 1993, p. 119).

Em 1952, o *Repórter Esso* passa a ser exibido e foi considerado “o telejornal mais importante da década” (REZENDE, 2000, p. 105). Transmitia uma variação de conteúdo com notícias nacionais e internacionais exibidas por meio de filmes.

O *Jornal de Vanguarda*, exibido pela TV Excelsior a partir de 1962, introduziu muitas novidades em relação ao que era exibido pelos demais programas de notícias. A participação de jornalistas vindos de veículos impressos, como produtores, foi uma das novidades.

A qualidade jornalística desse noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais informativos o *Jornal de Vanguarda*, além do prestígio no Brasil, obteve reconhecimento no exterior. Recebeu, na Espanha, em 1963, o prêmio Ondas, como o melhor telejornal do mundo e foi utilizado por McLuhan – um dos teóricos da comunicação de maior projeção – em suas aulas sobre comunicação. (REZENDE, 2000, p. 107)

Com os avanços tecnológicos e o passar dos anos, foram propiciadas muitas melhorias nos programas exibidos. No meio técnico, as câmeras portáteis substituíram as cinematográficas, dando maior mobilidade às equipes de reportagem e trazendo maior qualidade nas imagens e nas edições das matérias.

A televisão é um veículo de veículos, é um grande rio com grandes afluentes. Só que é um rio reversível: recebe e devolve influências. Quanto à imagem deságuam na TV: o desenho, a pintura, a fotografia, o cinema. A palavra escrita é um rio subterrâneo, mas poderoso: a literatura está por baixo de toda narrativa, a imprensa sob todos os noticiosos e todos os documentários e reportagens. A palavra falada é um lençol d'água, está por toda a parte: presenças do teatro e do rádio, que também influem nos espetáculos musicais e humorísticos. Mas a linguagem marcante, de base, é a do cinema: composição e montagem de imagens. A diferença está em que a TV é um cinema caudaloso e ininterrupto que ritmado pelos comerciais, se distribui por milhões de receptores, numa linguagem que combina todas as linguagens, numa produção seriada e industrializada da informação e do entretenimento (PIGNATARI, 1984, p. 14).

A televisão passou por transformações e evoluções tecnológicas, fazendo com que a linguagem televisiva esteja também em constante crescimento e transformação. Sobre a profissão do cinegrafista, falaremos a seguir.

## 2.2. O cinegrafista

Em um contexto mais amplo, encontrar material sobre a temática foi uma tarefa difícil, pela escassez de estudos sobre esses profissionais. Em função disso, buscamos algumas informações em sites e artigos acadêmicos.

Um ponto importante que vale salientar, e que ainda gera muitas dúvidas, é: como devemos chamar o profissional que trabalha com imagem no telejornalismo? Cinegrafista? Operador de câmera? Repórter cinematográfico?

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)<sup>4</sup> não reconhece a profissão pela nomenclatura de “cinegrafista”, e sim, pela de “operador de câmera de televisão”. São sinônimos desta nomenclatura: cameraman no cinema, operador de câmera e operador de câmera de vídeo, os quais pertencem ao grupo de profissionais classificados como captadores de imagens em movimento.

O Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969<sup>5</sup>, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, traz a primeira alusão à atividade de cinegrafia, na legislação brasileira, registrada pelo sindicato dos jornalistas.

---

<sup>4</sup> A Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. Disponível em: <[www.mteco.gov.br](http://www.mteco.gov.br)>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <[www.sjpdf.org.br/legislacao](http://www.sjpdf.org.br/legislacao)>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

No artigo 6º, que rege as funções que os jornalistas desempenham, classifica-se o repórter cinematográfico como aquele a quem cabe registrar cinematograficamente quaisquer fatos ou assuntos de interesse jornalístico.

O repórter cinematográfico atua exclusivamente no jornalismo, sendo uma das profissões listadas no Sindicato dos Jornalistas, portanto, pertence à categoria dos jornalistas. Sua função é captar imagens para matérias jornalísticas e auxiliar no processo de elaboração da notícia. O profissional deve ser capaz de ilustrar com as imagens o texto do repórter.

Pelo fato de essa atividade ser regulamentada pelo Sindicato dos Jornalistas, o profissional deve possuir o registro de jornalista, embora não seja previsto pelo sindicato a formação superior em jornalismo, mas para exercer a profissão se exige a comprovação de dois anos de atuação na área através de material publicado.

O Sindicato dos Radialistas, mediante a Lei nº 6.615, de dezembro de 1978, define o operador de câmera como o profissional da área técnica responsável por operar as câmeras, inclusive as portáteis ou semiportáteis, sob orientação técnica do diretor de imagens. O sindicato dos radialistas também prevê um registro, porém exige a realização do curso profissionalizante de pequena duração.

Em junho de 2016, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) decidiu, por unanimidade, em favor da isonomia salarial entre repórteres cinematográficos e jornalistas no Brasil. A decisão, que contrariava o entendimento de outros dois tribunais regionais, se deu em face da ação iniciada por um cinegrafista da Empresa Brasileira de Comunicação S.A – EBC que, em 2010, fora enquadrado profissionalmente como técnico, com salário inferior ao pago aos jornalistas. Em defesa da EBC, os juízes regionais do trabalho utilizaram dois argumentos. O primeiro era que o servidor não possuía diploma de formação específica na área e o segundo, de que a reportagem cinematográfica abrange tarefas distintas de outros ramos da profissão, como, por exemplo, a produção textual<sup>6</sup>.

Podemos perceber que o repórter cinematográfico está em uma posição periférica dentro da comunidade jornalística. Como consequência desse processo, o cinegrafista vive em uma zona de conflito entre os sindicatos dos jornalistas e dos radialistas, sendo submetido a constantes irregularidades contratuais e ao rebaixamento estatutário.

---

<sup>6</sup> Justificativa dada pelo juiz do 10º TRT (DF e TO) ao indeferir o pedido do servidor. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-jun-15/reporter-cinematografico-salario-jornalista-tst>>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

Percebemos que a divisão das redações simboliza o problema destes profissionais que continuam sem muita representatividade.

### 2.2.1. O cinegrafista e o telejornalismo

Na época em que as câmeras eram bastante pesadas e grandes, as câmeras de cinema preenchiam este espaço no telejornalismo, surgindo o cinegrafista, nomenclatura utilizada para designar o profissional da câmera até os dias atuais pela maioria das pessoas.

Já o operador de câmera é o profissional que opera a câmera cinematográfica, a partir das instruções do Diretor Cinematográfico e do Diretor de Fotografia. O operador de câmera tem a função de enquadrar as cenas do filme, indicar os focos e os movimentos de zoom e câmera, seguindo expressamente as orientações do diretor dos programas, e assume papel passivo frente ao conteúdo a ser registrado.

É importante que o *cameraman* também receba orientação do chefe de reportagem ou, se for o caso, de um editor de imagens que trabalha junto ao jornalismo. O *cameraman* bem informado sobre a pauta sai da emissora melhor preparado para cobrir o assunto. Em primeiro lugar, porque familiariza-se com o assunto. Em segundo, porque avalia melhor suas necessidades de equipamento. Mesmo assim, os procedimentos de rotina são fundamentais (VILLELA, 2008, p. 45).

À imagem, se confere uma função primordial no processo de codificação das notícias. Podemos dizer que a palavra cumpriria um papel secundário, de suporte da informação visual. Embora ressalte que a “TV funciona a partir da relação texto/imagem”, a jornalista Vera Íris Paternostro justifica a soberania do icônico, afirmando que “é com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal, exercendo o seu fascínio para prender a atenção das pessoas” (PATERNOSTRO, 1987, p. 41). Em relação à produção das notícias para a TV, a função prioritária que a imagem ocupa na comunicação telejornalística requer uma preparação especial do repórter para que ele tire maior proveito das potencialidades expressivas do veículo; para isso, é essencial uma cumplicidade entre o repórter e o cinegrafista.

Se o repórter e o cinegrafista não estiverem bem afinados, fica complicado produzir uma boa reportagem. Podemos dizer que o olhar do câmera deve completar o do repórter e vice-versa. Sobre as dificuldades e necessidades da profissão, veremos a seguir.

## CINEGRAFISTAS: OS DESAFIOS DE UMA PROFISSÃO

Eles ajudam a escrever a história do telejornalismo. Os desafios impostos ao jornalista também o são da mesma maneira aos cinegrafistas. A cobertura da vida real tem vantagens, desafios e limites. Colete, proteção da polícia, ameaças, ética, falta de reconhecimento entre os colegas de profissão: essa é a rotina dos cinegrafistas, cheia de imprevistos. Quem deseja fazer uma imagem de qualidade, tem que enfrentar muitos desafios.

Para realizar esta pesquisa, foram selecionadas as entrevistas realizadas com os profissionais de duas emissoras de telejornalismo de Campina Grande-PB: André Luis de Lima Gomes (TV Paraíba, afiliada Rede Globo) e Marcel dos Santos Padua Henriques (TV Itararé, afiliada TV Cultura). Para obter as informações para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com os cinegrafistas André Luis e Marcel Henriques, entre os meses de setembro e outubro de 2017.

Um dos fatos mais marcantes nessa profissão foi a morte do cinegrafista Santiago Ilídio Andrade, da TV Bandeirantes, em 2014. Ele foi atingido na cabeça, por um rojão, quando registrava o confronto entre manifestantes e policiais durante um protesto contra o aumento da passagem de ônibus, no centro do Rio de Janeiro. Santiago tinha 20 anos de carreira, dez deles atuando como repórter cinematográfico na Bandeirantes.

Sobre a insegurança, o cinegrafista André Luis<sup>7</sup> (informação verbal) comenta um caso de ameaça que aconteceu enquanto ele trabalhava.

Um traficante tinha sido preso no posto da polícia federal e eu fui filmar com a equipe, quando cheguei lá que comecei a filmar, o traficante olhou para minha aliança e avisou que eu tivesse cuidado que quando ele saísse a minha família poderia estar em risco, o agente viu que o traficante me ameaçou e foi falar com ele, mas isso me causou muito medo. Já fui ameaçado de três a quatro vezes e jurado de morte. Eu não troco conversa com ninguém quando filmo e escondo o crachá, pois fico com receio da profissão.

O poder creditado à TV está relacionado ao grande contingente alcançado por imagens. Da espetacularização da vida real ao tom humanizado – algumas vezes, mais novelesco – dos telejornais: em se tratando de televisão aberta, o impacto é quase incalculável. O alcance chega a muitas residências e a um número bem maior de pessoas, na sua maioria, despojadas de domínio da linguagem visual; então, se faz necessário que a

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por André Luis de Lima Gomes a Rubens Ferreira Costa. Campina Grande, outubro de 2017.

perspectiva jornalística, articulada ao tratamento e valor comercial da imagem, forneça alguns caminhos para a verificação dos significados éticos na televisão.

Ética é um assunto primordial no jornalismo. Mais que rótulo, mais que acessório, ela é fundamental. O jornalista Rogério Christofoletti, em seu livro *Ética no Jornalismo*, aponta que “Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se deslocar de seus comprometimentos e valores” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 11).

Mas a equipe não é formada apenas pelos profissionais citados; sabemos que toda essa responsabilidade também deve ser cumprida pelo cinegrafista e, raramente, ele é inserido nas capacitações, na integração das equipes.

Em seu *Manual de Telejornalismo*, Barbeiro e Lima afirmam que há uma necessidade de integração nas equipes de telejornalismo.

O cinegrafista é um agente da reportagem e deve opinar sobre todo o processo de produção, e não somente sobre a estética e as questões referentes às paisagens a serem selecionadas. Ainda deve participar da construção da reportagem desde a conversa com o editor-chefe até a execução final da última edição do produto (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 44).

É necessário esclarecer que o cinegrafista deve ter a curiosidade do repórter e a sensibilidade do artista fotográfico, pois ele capta as imagens que irão para o ar e, por isso, é imprescindível que, quando saia para gravar, junto com o repórter ou mesmo sozinho, ele conheça a(s) pauta(s) e o objetivo da reportagem.

Difícilmente essa teoria é posta em prática; o cinegrafista Marcel Henriques<sup>8</sup> (informação verbal), comenta que

(...) o diálogo entre o repórter e o cinegrafista é muito importante, pois um vai ajudar o outro, nós não somos apenas um apertador de botão, tem que ter um porquê. Um depende do outro para poder sair uma boa matéria. Mas existe uma hierarquia de status, que atrapalha um pouco essa interação. O trabalho do repórter fica incompleto sem o olhar do cinegrafista para trazer as imagens.

Diante do exposto, não resta dúvidas da importância do cinegrafista no meio jornalístico, mas existe uma falta de reconhecimento, até por parte dos próprios colegas de trabalho, em relação à sua atuação. Marcel Henriques (informação verbal) esclarece que

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Marcel dos Santos Padua Henriques a Rubens Ferreira Costa. Campina Grande, outubro de 2017.

“não existe participação na reunião de pauta comigo, não damos opiniões sobre a pauta, mas sugerimos imagens nas matérias”.

O repórter deve estar sempre ao lado do cinegrafista acompanhando a captura de imagens. Como diz o experiente repórter Maurício Kubrusly, “o cinegrafista é o olho do repórter”. E, sempre que necessitar de uma imagem, ele deve pedir ao cinegrafista. Já o cinegrafista, sempre que filmar algo que o repórter não percebeu, deve avisá-lo para que ele faça um texto correspondente e a imagem seja aproveitada (KUBRUSLY apud CRUZ NETO, 2008, p. 41).

O cinegrafista, além de carregar o peso da falta de reconhecimento e das injustiças, tem que carregar literalmente o peso de equipamentos muitas vezes incômodos e obsoletos que lhes provocam graves problemas de saúde. E ainda um peso bem maior, que é o preconceito contra a sua função: “Dificuldades são muitas, mas a principal dificuldade é o que enfrentamos no dia-a-dia, que é a falta de reconhecimento”, afirma Marcel Henriques (informação verbal).

Apesar disso, o brilho nos olhos e o encantamento com a profissão são tão fortes que os cinegrafistas conseguem superar qualquer adversidade, mesmo que grande parte da sociedade ainda não reconheça a significância do trabalho deles. Nas palavras de Marcel Henriques (informação verbal):

Ser um cinegrafista é um prazer muito grande, porque nós cinegrafistas temos a responsabilidade de trazer o nosso olhar para os telespectadores, nós que vamos designar quais as imagens serão transpostas a quem estará assistindo pela TV ou Web. Marcel Henriques.

Antes de captar as imagens ou quais técnicas ele irá usar, o cinegrafista precisa entender quais são as expectativas do telespectador para então visualizar, por meio da imagem, como satisfazê-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A televisão tornou-se mais do que um acessório; ela tornou-se quase um complemento da individualidade das pessoas. A TV é produtora de realidade e, tomando por base esse pressuposto, os telejornais foram trabalhados em torno do desenvolvimento de empatia e fascinação dos telespectadores, sendo eles narrativas jornalísticas que obedecem a algumas técnicas, como o *lead*, ou pirâmide invertida, em que o essencial da informação é prioritariamente colocado para prender o espectador. Na programação televisiva, os cenários, a padronização dos apresentadores, o uso selecionado das cores e a

importância da voz são fatores que se somam para atestar a força da imagem como elemento integralizante/totalizante do imaginário coletivo.

Para fazer telejornalismo, é necessária uma equipe composta de repórter, cinegrafista, redator, fotógrafo, editor, técnicos de som, de iluminação e de montagens. Entre estes profissionais, não resta dúvidas sobre a importância do cinegrafista para a captação de imagens. No telejornalismo, é pelos olhos treinados dos cinegrafistas que os repórteres conseguem redigir uma boa matéria, pois eles conseguem captar imagens essenciais que se tornam os olhos do telespectador.

Muitas vezes, os cinegrafistas produzem imagens tão impressionantes que chega a ser difícil para o jornalista descrevê-las com palavras, embora o que poderia ser fascinante pode fazer surgir eventuais conflitos entre os dois.

Nesse contexto, o presente artigo procurou focar a importância deste profissional, que, para ser reconhecido por seus companheiros, e também para ter oportunidade de aumentar seus conhecimentos e aperfeiçoar suas técnicas, necessita, entre outros, que seja inserida uma disciplina nessa linha nos cursos de graduação em jornalismo de Campina Grande/PB, pois essa medida irá possibilitar que todos os que se formarem no curso e optarem por esse caminho da captação de imagens, notadamente, serão reconhecidos como jornalistas, por meio da função de repórter cinematográfico.

Hoje, geralmente os cinegrafistas mais jovens aprenderam a prática com os que estão há mais tempo na profissão, profissão esta que não possui reconhecimento, o que, muitas vezes, segundo o cinegrafista Marcel Henriques, gera preconceito entre os próprios colegas de profissão, se estendendo ao meio acadêmico.

A ideia deste estudo, ainda inacabado, é promover a abertura para que outros pesquisadores possam mergulhar no universo desse profissional. A pesquisa possibilitou maior esclarecimento sobre a profissão dos cinegrafistas em Campina Grande/PB. Apesar dos avanços desse estudo, outros sobre essa categoria profissional se fazem necessários, visto que há uma carência de pesquisas relacionadas ao objeto investigado. Pode-se supor que essa possível falta de interesse dos pesquisadores pela área seria pela pouca atratividade que o campo supostamente tem, uma vez que são profissionais pouco reconhecidos e considerados operacionais. Essas questões requerem outras investigações.

Como estudos futuros, podem ser realizadas pesquisas mais aprofundadas sobre questões referentes a gênero na profissão, uma vez que todos os cinegrafistas pesquisados e entrevistados são do sexo masculino. Por fim, outra sugestão de estudo futuro seria uma

análise aprofundada das relações de poder existentes no meio e como isso influencia nos processos de aprendizagem dos profissionais cinegrafistas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BITTENCOURT, Luis Carlos. **Manual de telejornalismo**. São Paulo: Contexto, 1993.

\_\_\_\_\_. **A expansão do telejornalismo online**. 2002. Disponível em: <<http://www.telejornalismo.com/bitt.htm>>.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PIGNATARI, Décio. **Signagem da Televisão**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2005.

VILLELA, Regina. **Profissão Jornalista de TV**. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2008.